



Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o Suplemento semanal,
Africa, mes 0,50; Província, 3 meses 2,50;
África Portuguesa, 6 meses 7,00; Estrangeiro,
meses 11,00.

SEGUNDA FEIRA, 1 DE JUNHO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 195

O operariado tem de reagir contra um crime

As deportações de operários honestos misturados com alguns criminosos de delito comum, não obedeceram a outro intuito senão o de ferir a Organização Operária, roubando-lhe alguns dos seus mais activos elementos.

A propositada confusão, ajudada pela imprensa desonesta, que se tem feito de apresentar como legionários indivíduos que têm empregado sempre a sua actividade no honrado trabalho, numa labuta árdua pelo pão de cada dia, visa apenas a desmoralizar o povo trabalhador e a dar aos nossos protestos o aspecto odioso duma solidariedade que não prestamos — que nunca prestámos nem prestaremos — à chamada Legião Vermelha.

Deportando sumariamente cerca de meia centena de indivíduos, que não foram julgados, cujas culpas não foram apuradas por tribunais regulares, o governo sobrepoôs-se à acção da justiça e condenou à pior das torturas homens que a justiça, mais sabedora apoiada em elementos de investigação mais profundos e verdadeiros talvez tivesse de absolver.

Não se pode consentir que o governo, saltando sobre as leis que devia ser o primeiro a respeitar, abuse do seu poder — que ainda é limitado por outros poderes constituídos — e exercendo uma odiosa ditadura, faça uma perseguição puramente política, à margem dos códigos e da justiça, condenando sumariamente operários honestos a uma pena desumana.

O povo trabalhador não deve assistir silenciosamente e de braços cruzados a este crime dum governo que, triunfante há pouco duma ditadura, está assumindo atitudes mais odiosas do que os ditadores, se tivessem colhido os louros da vitória.

Os governos não são entidades de força absoluta e indiscutível que não tenham de tomar a responsabilidade dos seus gestos e dos seus crimes. O governo prevaricou — o operariado tem de pedir-lhe contas dos seus actos e obrigá-lo, porque tem direito a fazê-lo, a entrar no caminho da legalidade de onde saiu. E' preciso reclamar o regresso imediato dos deportados para que os tribunais os julguem em Lisboa, se quizerem, e apurem da sua culpabilidade se por acaso a têm.

Povo, trabalhador deves lutar contra os crimes do poder que são tão ou mais odiosos do que os crimes da 'Legião Vermelha' e de outras 'legiões' que vêm assaltando os cofres públicos e roubado o bem estar do proletariado!

Contra uma iniquidade!

A Confederação Geral do Trabalho vai hoje protestar junto do governo contra as deportações

Ao povo trabalhador compete apoiar calorosamente esse protesto

A Confederação Geral do Trabalho hoje leva ao governo da República.

Lisboa 1 de Junho de 1925.

Ao Governo da República Portuguesa.

Senhores:

O que se está passando com a classe operária, à cerca do problema da ordem pública, é verdadeiramente monstruoso e iracreditável.

Nunca pelo espírito do povo português, que gloriosamente herdara de Fernandes Tomás, Passos Manuel, Mousinho, Salданha, Sá da Bandeira e outros precursores da liberdade, tão nobres tradições, passou a dúvida, sequer, de que numa República, feita em seu nome, haveria de ser tão desprotegida a vida e afrontada a liberdade e a própria justiça.

Nunca, senhores, alguém poderia imaginar que após o fracasso dum movimento conservador, erguido no histórico local que foi berço da República, e para a qual o povo, o operariado contribuiu moralmente, porque mais não pôde, resultando daí a vossa própria segurança, possesse haver pela vossa determinação ou pelo vosso consentimento tantas e tão iniquas e vergonhosas perseguições à classe operária.

E' espantosamente paradoxal que o fundamento justificativo da revolta que primeiramente atingiu o Governo, e que era os crimes da fantástica Legião Vermelha, possesse servir a esse mesmo Governo para o seguir a manter.

Então as coisas deveriam correr os seus lógicos trâmites. Se a razão de Estado quisesse achar a um movimento para derrubar o governo perdura, a sua primeira consequência deveria ser a queda do mesmo governo. Não sucedeu. E, pelo contrário, tendo ficado mais firme o Governo porque a razão invocada, não tendo base jurídica, moral, nem política, não pode ser por ele aceite; pois que o contrário equivale a reconhecer a razão dum facto que combatera.

Senhores: a Legião Vermelha, como foi preparada bem o deveis vós saber.

Eis, porém, que a título de a combater manda-se para fóra do continente operários sem julgamento, operários sem culpa formada, numa tal precipitação que bem prova a loucura de perseguir.

Pois quê? Então o poder legislativo, o poder executivo e o judicial, não bastam para reprimir e debelar todos os actos considerados crimes de lesa-sociedade, dentro das normas usuais e legais, sendo necessário proceder de forma que se desmente e se achincalha, vede bem, o mais sagrado estudo da República que é — Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Que o operariado de todo o país saiba, pois, apoiar com energia — porque da defesa dum alto princípio de justiça se trata — o protesto que

Em que país e em que época se vive? O crime dos operários, perseguidos e presos é precisamente a defesa daquele sacrossanto princípio. E, se a República tem por base um 'lema' tal, ninguém, absolutamente ninguém, a defendará melhor do que os

Senhores: vós sois sinceramente republicanos? Nós temos uma dolorosa incerteza, uma dúvida imensa se o sois ou não! Não vos acheis ofendidos. Só vós podeis fazer-nos acreditar na sinceridade das vossas intenções e na vossa fé política.

— Como? Mandando cessar as perseguições e mandando regressar ao continente todos os operários deportados, no espaço de tempo indispensável a fazer desaparecer do espírito de todos uma dúvida de tal natureza, ordenando que sejam julgados nas respectivas comarcas e mandados em liberdade aqueles de que não haja provas da sua incriminação.

A própria organização operária deseja saber de que natureza é o seu delito e qual a sua gravidade. E isso só pode ser avaliado se lhe for dado saber, assistindo aos seus julgamentos, pois pretende por sua vez também julgar.

— Temais a revolta, temeis a agitação dentro e fora das salas dos tribunais? Mas então o que é que se está provocando?

Meditai, senhores; olhai que há muitos lares sem pão, há mães e esposas que choram de dor e desespero; há criancinhas inocentes, anjos de candura, que podem supor, talvez, que os pais são ladrões, são assassinos, e elas querem apenas que elas deixem de andar descalças, que elas deixem de passar fome.

Estão-mos misturando operários que vivem honestamente do seu trabalho, e outros que se do trabalho não vivem é porque lho roubam, com ganhos cadastrados e com faixistas, sem o menor respeito pela situação pelo brio de cada um.

Isso é a maior vilania, a maior afronta, a mais repugnante vergonha!

Há operários que tem sido maltratados, por palavras e factos, dentro das prisões e das esquadras.

Há poucos dias um foi morto, com um tiro no peito, quando pretendia fugir — disse-se. Repari que um tiro no peito não o leva quem foge.

A febre de matar e a alucinação é tanta que nem, sequer, houve a preocupação de dar aquele tiro de forma a fazer supor que a vítima, na verdade, fugiu.

Um outro ainda enlouqueceu na prisão

como que a marcar naquele pungente estômico os vestígios dos maiores horrores.

Caso único, caso fantástico.

O ódio contra o operariado

Onde estavam os perseguidores da classe operária quando ela sacrificava a sua vida pela liberdade!

A miserável perseguição!... O ódio perversamente cultivado, quase elevado a uma fraternal virtude, agita as sociedades portuguesas. Esse ódio criou-se em torno de ambições mesquinas, de vaidades repugnantes, de ganâncias criminosas. Desse ódio não são autores os operários: são vítimas, dolorosas vítimas.

Ao campo político tornado por vezes um mar de sangue, uma arena criminosa, não deram os operários a menor colaboração, alheando-se sempre de lutas, numa indiferença legítima de quem não tem preferências a combater, nem ambições a realizar; que o A estivesse no poder ou que o B fosse mais digno de o ocupar.

A acção do operariado na política consistiu num encarniçado combate ao ódio, e tê-lo feito de armas na mão se tal fosse necessário. E mostrou-se dumha decisão e dumha energia que nesse momento não existiam por parte dos que se arvoraram em perseguidores.

Se a ditadura, em Portugal, ainda não vingou ao proletariado se deve. Foi elle que criou, em comícios, em sessões, em agitações constantes, um ambiente hostil, pelo ódio às violências dos democráticos, violências de que o operariado foi duramente atingido. Desses violências não herdou o ódio, combatendo o sionismo porque é que era orientado pelo vésgo ódio.

O operariado apressou-se a combater-lhe e tê-lo feito de armas na mão se tal fosse necessário. E mostrou-se dumha decisão e dumha energia que nesse momento não existiam por parte dos que se arvoraram em perseguidores.

As ditaduras — regimes de puro arbitrio em que todo o crime é lei e toda a lei é um crime — encontraram no operariado um adversário decidido e irreconciliável.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

Veio o movimento de 18 de Abril para

estabelecer em Portugal uma ditadura militar apoiada nas «fôrças vivas» ou com maior exactidão, «uma ditadura dos reactionários das «fôrças vivas» apoiada pelas espingardas, pelas espadas e pelos canhões. A aliança da caserna ludibriada com a rua dos Capelistas dementada pela ambição.

O operariado apressou-se a combater-lhe e tê-lo feito de armas na mão se tal fosse necessário. E mostrou-se dumha decisão e dumha energia que nesse momento não existiam por parte dos que se arvoraram em perseguidores.

As ditaduras — regimes de puro arbitrio em que todo o crime é lei e toda a lei é um crime — encontraram no operariado um adversário decidido e irreconciliável.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

As ditaduras — regimes de puro arbitrio em que todo o crime é lei e toda a lei é um crime — encontraram no operariado um adversário decidido e irreconciliável.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu impericável amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constitui quase toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria pífia, converter-se ia num desastre irreversível.

A manifestação a Belém contra a política da op

um caso absolutamente fantástico: Um preso morto com um tiro «no peito» quando fugia (?)

Outro que enlouquece dando entrada no manicômio!

Há feridos selváticamente pela polícia com tratos como na antiga inquisição.

E não há um protesto, não há sequer alguma daí dos que apregoaram ou sonharam a república para inaugurar uma era de maior liberdade de como esteio a um progresso fértil, que se oponha a tais barbarismos.

Pois bem, se os propagadores e sonhadores doutros tempos se encravaram no bojo abdominal dos conservadores, então, se a república e tudo que nela era uma aspiração desapareceu, ao proletariado só lhe resta pôr de parte a própria república por que nela já não encontra o princípio das liberdades conquistada.

Só resta ao proletariado, pois, quando a república perigar alhear-se da sua defesa por não marcar um princípio que mereça o seu sangue.

Pode caer a república e com ela os seus crimes, como caiu a monarquia e deixaram-se de masturbações doutrinárias de fé balofa numa república que nunca existiu.

Prepare-se, pois, o povo operário para um protesto consciente e unísono, para fazer respeitar as verdadeiras liberdades.

A Câmara Sindical do Trabalho

As perseguições

Foi hoje preso, de manhã, quando saia de sua casa, Egidio Correia, operário metalúrgico, encontrando-se no calabouço n.º 6 do governo civil.

Indústria de Conservas de Portimão

PONTIMÃO, 30.—Em assemblea geral do pessoal das fábricas de conservas, protestou-se contra as deportações de operários feitas pelo governo do sr. Vitorino Guimaraes, resolvendo-se ficar em sessão permanente, aguardando resoluções da C. G. T. sobre a ação a desenvolver. — E.

Os textéis de Gaia apoiarão qualquer movimento de protesto

VILA NOVA DE GAIA, 30.—No Sindicato dos Operários Texteis realizou-se uma sessão de protesto contra as prepotências do governo.

Falaram José Pedro Lourenço, pelo N. I. S., José Augusto, pela Zona Federal Anarquista, Joaquim Grilo, Manoel R. Reis e David de Oliveira, aconselhando os operários presentes a preparam-se para resistir aos manejos da reacção e salientando o que há de iníquo nas deportações efectuadas pelo governo.

Foi aprovada uma moção apoiando a C. G. T., U. S. O. do Porto e F. J. S. em qualquer movimento que levem a efeito contra o procedimento do governo, de protesto contra as perseguições ao operariado e deportações de operários e saudando os presos por questões sociais. — C.

Corticeiros de Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 30.—Os operários corticeiros, reunidos em sessão magna, resolveram manifestar o seu protesto contra a maneira arbitrária como o governo impõe a *Batalha* de circular, contra a prisão de operários sem motivo justificado, resolvendo reclamar o imediato regresso dos operários, presos por questões sociais, deportados para a Guiné, e apoiar incondicionalmente qualquer movimento que a C. G. T. iniciar para pôr termo à tirania de que estão sendo vítimas as classes operárias. — E.

N. J. S. do Barreiro

A comissão administrativa do Núcleo de Juventude Sindicalista do Barreiro resolviu:

Lavar o seu protesto contra as infamias do governo, prendendo e deportando operários, sem qualquer espécie de julgamento.

Dar toda a solidariedade aos operários presos e deportados.

Aguardar as decisões da C. G. T. e da F. J. S. para conseguir a sua libertação.

Incitar a toda a mocidade sindicalista a máxima serenidade para agir no momento oportuno, energicamente, em conformidade com a conclusão anterior.

Uma sessão de protesto em Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 29.—O Núcleo de Juventude Sindicalista distribuiu um vibrante manifesto à classe trabalhadora sobre as perseguições movidas pelo governo de Vitorino Guimaraes à classe trabalhadora e contra as deportações de operários honestos, e convidando os trabalhadores a acorrerem a uma sessão na sede do sindicato dos Tanoeiros.

Aberta a sessão por J. Pedro Lourenço, Dias de Almeida, da U. S. O. do Porto, expôs o que são as ditaduras de Mussolini e de Rivera e as consequências fatais que vieram para o proletariado, sugerindo-se o proletariado português a sofrer tirania semelhante às dos seus camaradas espanhóis e italianos se não se opuserem à pretensão de instauramento em Portugal de uma ditadura militar. Aconselha os trabalhadores a lancarem-se sem hesitação na luta logo que C. G. T. ou U. S. O. do Porto o determinem.

Joaquim do Carmo refere o que são as ditaduras e o falseamento dos republicanos aos princípios apregoados. Condena a deportação de operários pelo único crime de serem ideais de liberdade.

Usaram mais da palavra Francisco de Sousa Canaverde, pela Zona Federal Anarquista de Gaia, Francisco Grilo e David João de Oliveira, sendo unâmes na necessidade de os trabalhadores se oporem aos fortes manejos da reacção.

Foi depois aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Lavrar o seu mais veemente protesto contra as perseguições, movidas ultimamente ao proletariado, como também contra as deportações de operários conscientes e honestos.

2.º Dar todo o seu incondicional apoio à

PELO FUTURO!

A Juventude sindicalista e a Semana da Criança

A Juventude Sindicalista como organismo de educação moral, intelectual e de preparação revolucionária da mocidade trabalhadora, não podia ficar indiferente perante um tão grande acontecimento no campo da educação infantil. — A Semana da Criança, que representa um esforço em prol do seu, que nas prematuras idades, começo sofreram as calamidades desta putrida organização social, que se vai desmoronando a fragor da luta renovadora, que há-de libertar o Mundo, estabelecendo na Terra, a Paz e a Harmonia.

Mais do que ningum, a criança necessita de ser protegida por aquelas cuja idade lhes permita lutar, em defesa daquelas pequeninas sêres, que são débeis para se defenderem, não sabendo exteriorizar ainda os males incomprendidos que as atormentam no seu coração juvenil.

As Juventudes Sindicalistas compostas de jovens trabalhadores, que sentem o peso da ignomínia social, e das suas responsabilidades perante a época em que vivemos e na preparação dum futuro melhor e mais risonho onde todos os sêres comunguem na conquista da Perfeitabilidade, souberam na sua 1.ª conferência local, que marcou esta elevação como decorreu e pelas suas resoluções, um passo firme no caminho que temos de percorrer, manifestar o seu carinho e a disposição em auxiliar essa obra, que é o inicio dum nova vida para as crianças, que o seu viver atribuído derivado das condições económicas e morais dos pais, será suavizado pelo ambiente de fraternidade infantil que existirá na Escola, e na elevação da sua mentalidade.

Todos os jovens já se apercebem que devem abnegar e conquistar para a Humanidade futura, que reside na criança, uma situação que elas não gozaram, livrando-as de roubo e brutalidade.

Passou-se na fábrica de malhas de que é proprietário o sr. Nunes Vicente — sendo ele mesmo o personagem que atuou, fazendo a brutalidade que vamos narrar.

Na ânsia dum bom lucro realizado pelo trabalho dos outros, e para como burguês arrivista não acatar as leis que ele mesmo temos quatro ventos diz defendendo, entrega o seu pessoal, na maioria mulheres, à tarefa de empregada. E assim, obrigou duas crianças de 9 anos aproximadamente, a produzir certa quantidade de trabalho até às horas de jantar, sem o qual concluirão não podendo comer.

Claro que as crianças não poderam devem desempenhar-se da sua missão, e assim estiveram longas horas sem comer. No entanto, aproveitando a ausência do «verdugo» caiado que melhor seria defendesse os seus interesses, as crianças foram buscar um pouco de bolo que se entreverem a comer, recosystemos, visto estarem com fome.

Entretanto aparece o Nunes Vicente, e, brutalmente, arranca a bolo das mãos das crianças, mandando-a deitar aos cães da fábrica!

Com franquias, não encontramos palavras com que verberar o procedimento deste animal... — C.

HORARIO DE TRABALHO

Os industriais de malhas de Coimbra

COIMBRA, 27.—Com a publicação do regulamento à lei 5.516, horário das 8 horas de trabalho — começam a surgir conflitos entre operários e patrões.

Já há tempos dissemos que os operários — homens e mulheres — da indústria têxtil desta cidade percebiam salários irrisórios. Os homens não tinham salários superiores a 850\$, as mulheres a 400\$ e as crianças (algumas de idade inferior a 12 anos) 1500!

Entretanto, o horário de trabalho era de 10 horas!

Surge, porém, agora, o regulamento à lei de horário de trabalho, que não pode exceder 48 horas semanais. E, os industriais têxtils, em face disso, resolvem baixar os salários na proporção de 25%!

Quere-se contrário a essas coisas, segundo declaram, e como a comissão organizadora não conseguiu uma licença especial, logo de manhã Montoito aprecia o aspecto dum praça de guerra, garnecida de bastantes soldados.

O que vamos relatar é que não é virgem, justifica plenamente o que tem sido a existência da organização operária de Montoito.

Estava marcado para o dia 3 de Maio um comício público. Como o administrador do concelho o não autorizasse, em virtude de ser «contrário a essas coisas», segundo declaram, e como a comissão organizadora não conseguiu uma licença especial, logo de manhã Montoito aprecia o aspecto dum praça de guerra, garnecida de bastantes soldados.

As ameaças surgiram então de todos os cantos e contra todos os rurais. Nada, porém, de anormal se passou, a pesar das provocações da G. N. R.

Das depois o N. R. cabou Daniel arroganteamente ameaçou os rurais, entretendo-se a disparar a pistola contra uma porta, não sabemos com que intenções.

Devido ao bom senso do povo não temos que registrar agora sérios acontecimentos. — E.

Um Bruto!

COIMBRA, 29.—Dissemos já que por via do cumprimento da lei, das 8 horas de trabalho industriais textéis desta cidade estavam provocando conflitos entre os seu pessoal, a quem pretendem levar por todas as formas.

Entretanto, vamos trazer à supuração um desses casos de violência — mais de roubo e de brutalidade.

Passou-se na fábrica de malhas de que é proprietário o sr. Nunes Vicente — sendo ele mesmo o personagem que atuou, fazendo a brutalidade que vamos narrar.

Na ânsia dum bom lucro realizado pelo trabalho dos outros, e para como burguês arrivista não acatar as leis que ele mesmo temos quatro ventos diz defendendo, entrega o seu pessoal, na maioria mulheres, à tarefa de empregada. E assim, obrigou duas crianças de 9 anos aproximadamente, a produzir certa quantidade de trabalho até às horas de jantar, sem o qual concluirão não podendo comer.

Claro que as crianças não poderam devem desempenhar-se da sua missão, e assim estiveram longas horas sem comer. No entanto, aproveitando a ausência do «verdugo» caiado que melhor seria defendesse os seus interesses, as crianças foram buscar um pouco de bolo que se entreverem a comer, recosystemos, visto estarem com fome.

Entretanto aparece o Nunes Vicente, e, brutalmente, arranca a bolo das mãos das crianças, mandando-a deitar aos cães da fábrica!

Com franquias, não encontramos palavras com que verberar o procedimento deste animal... — C.

Em Alvalade

ALVALADE, 28.—Não é aqui cumprido o horário de trabalho, salientando-se no seu atropelo os industriais António Mestre e Manuel Rita, com oficinas de carroaria e ferreiro, e Francisco Mestre dos Santos, com fábrica de moagem.

Os trabalhadores rurais, não sendo abrangidos no regulamento como classe com direito ao horário de oito horas, também não estão completamente preparados para impôr o seu estabelecimento, como é de justiça. — C.

Instituto Pasteur

No Instituto Pasteur de Lisboa, a pesar da recente entrada em vigor do regulamento ao horário de trabalho, continua o seu despedimento de dois meses de doença, sendo velho, alquebrado quase com 10 anos de casa.

Surgiu depois um caso semelhante. O encarregado Joaquim Miranda, da garagem Fiat, tendo um operário, o torneiro Manuel Moreira, sido acometido de um princípio de congestão cerebral, quiz forçá-lo, logo a seguir, a trabalhar. Como o Moreira, com muita razão, se recusasse a tal por estar doente, apodou-o de «calão» e despediu-o, tendo-lhe sido passado um documento referindo que o despedimento é de justiça. — C.

Associação dos Confeiteiros, Pasteleiros e Chocolateiros

Reúne hoje em assemblea geral para nomeação das comissões da fiscalização do horário de trabalho.

Convoca os sócios a reunir em Assembleia Geral Extraordinária no dia 2 de Junho de 1925, pelas 20 horas, em continuação da Assembleia de 28 de Fevereiro de 1925, reuniendo e deliberando com qualquer número, e com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Apresentação e discussão do Relatório da Comissão de Defesa e Melhoramentos.

Lisboa, 30 de Maio de 1925.—Pelo Meia da Assembleia Geral. — Francisco Nunes, (Presidente).

Largo de São Domingos, 11, 2.º J

'A Batalha' na província e arredores

Montoito

A G. N. R. continua provocando os rurais

MONTOITO, 25.—Vivemos no perfeito paraíso, em matéria de liberdades políticas. Em todo o país não existe tão radicado o espírito liberal como nas autoridades desta pequena provoção.

O que vamos relatar é que não é virgem, justifica plenamente o que tem sido a existência da organização operária de Montoito.

Estava marcado para o dia 3 de Maio um comício público. Como o administrador do concelho o não autorizasse, em virtude de ser «contrário a essas coisas», segundo declaram, e como a comissão organizadora não conseguiu uma licença especial, logo de manhã Montoito aprecia o aspecto dum praça de guerra, garnecida de bastantes soldados.

As ameaças surgiram então de todos os cantos e contra todos os rurais. Nada, porém, de anormal se passou, a pesar das provocações da G. N. R.

Das depois o N. R. cabou Daniel arroganteamente ameaçou os rurais, entretendo-se a disparar a pistola contra uma porta, não sabemos com que intenções.

Devido ao bom senso do povo não temos que registrar agora sérios acontecimentos. — E.

As ameaças surgiram então de todos os cantos e contra todos os rurais. Nada, porém, de anormal se passou, a pesar das provocações da G. N. R.

Das depois o N. R. cabou Daniel arroganteamente ameaçou os rurais, entretendo-se a disparar a pistola contra uma porta, não sabemos com que intenções.

Devido ao bom senso do povo não temos que registrar agora sérios acontecimentos. — E.

As ameaças surgiram então de todos os cantos e contra todos os rurais. Nada, porém, de anormal se passou, a pesar das provocações da G. N. R.

Das depois o N. R. cabou Daniel arroganteamente ameaçou os rurais, entretendo-se a disparar a pistola contra uma porta, não sabemos com que intenções.

Devido ao bom senso do povo não temos que registrar agora sérios acontecimentos. — E.

As ameaças surgiram então de todos os cantos e contra todos os rurais. Nada, porém, de anormal se passou, a pesar das provocações da G. N. R.

Das depois o N. R. cabou Daniel arroganteamente ameaçou os rurais, entretendo-se a disparar a pistola contra uma porta, não sabemos com que intenções.

Devido ao bom senso do povo não temos que registrar agora sérios acontecimentos. — E.

As ameaças surgiram então de todos os cantos e contra todos os rurais. Nada, porém, de anormal se passou, a pesar das provocações da G. N. R.

Das depois o N. R. cabou Daniel arroganteamente ameaçou os rurais, entretendo-se a disparar a pistola contra uma porta, não sabemos com que intenções.